



Ilustração de anúncio da “Sociedade Educadora
Paranaense” – 1913 – Melhorada por IA

INÍCIO DO ESCOTISMO NO PARANÁ - ANTECEDENTES

JOÃO ALBERTO BORDIGNON

BOLETIM HISTÓRICO Nº 78 – JULHO DE 2026

PRINCIPAIS ASSUNTOS ABORDADOS

Página

Capa – Ilustração de um anúncio

3 – Introdução

3 – A Sociedade “A Educadora”

14 – Henrique Estrella Moreira

22 – Anexo 1

INTRODUÇÃO

No Boletim número 76, que tratou das atividades da ABE - Associação Brasileira de Escoteiros, no mês de agosto de 1915, aparece uma notícia de que o Conselho Superior havia enviado folhetos de propaganda e estatutos para os srs. Affonso Wanderley e Lydio Albuquerque, de Paranaguá, no Paraná, para incentivar a fundação de uma Comissão Regional naquela cidade.

Entretanto, circulavam ideias de escotismo no estado bem antes daquela data.

A SOCIEDADE “A EDUCADORA”

Naquela época, as pessoas não tinham, de modo geral, a proteção de uma aposentadoria garantida por entidades governamentais. Eram comuns as denominadas “sociedades de Mútua” que no futuro seriam mais conhecidas como “Consórcios”.

As “Mútuas”, concorriam com as seguradoras para fornecer alguma proteção, ou auxiliar os planos de investimentos, dos seus clientes.

Pelo Brasil, eram dezenas de sociedades que concorriam em diversas áreas tais como: construção de moradias, pensões, viagens e educação.

Em 15 de agosto de 1913 é criada em Curitiba uma sociedade de mútuo auxílio denominada “Sociedade Educadora Paranaense”.

Em 4 de agosto é publicado um anúncio comunicando a instalação da Sociedade:



**A INSTRUÇÃO
E' A LUZ**

Com o patriótico e humanitário intuito de diffundir o mais possível a instrução e de tornal-a accessivel a todos, a 15 do corrente terá logar a instalação da **Sociedade Educadora Paranaense** constituída dos melhores elementos sociaes do nosso meio. Continua aberta a inscripção de socios fundadores, até aquella data.

E' a **Educadora Paranaense** uma sociedade puramente beneficente, isto é, não tem caracter commercial absolutamente.

Séde social provisoria. — Rua 15 de Novembro, 28, sobrado.

A República de 4 de agosto de 1913

No dia 9 de agosto, é publicado outro anúncio, com mais detalhes.

Educadora Paranaense

Installa-se no dia 15^{do} corrente mez



Para consecução do seu intuito a **Sociedade Educadora Paranaense** promoverá, dentro dos recursos sondizentes com o seu desenvolvimento, os meios praticos de estender o quanto possivel a sua acção no sentido da educação intellectual, moral e physica, dos nossos jovens patricios, organizando, progressivamente:

- Auxílios immediatos á educação e á instrução dos seus associados, por meio de premios de estímulo, pela forma que julgar mais pratica e conveniente.

- Escolas Gratuitas de Instrução Primaria, e de Instrução Intermediaria, Secundaria e de Artes e Offícios com vantagens especiaes para os seus socios e segundo os melhores modelos das escolas modernas belgas, inglezas, francezas e allemães, que presentemente representam o mais elevado grão de avançamento pedagogico.

- Postos clinicos de puericultura, começando por estabelecer assistencias médica, pharmaceutica e dentaria onde os nucleos de formação da sociedade corresponderem ás despesas necessarias á sua manutenção.

- Exercícios de educação physica da juventude, segundo a inovação norte-americana do *Saint-boy*.

- Fornecimento de material escolar por preço minimo.

- Creação de uma assistencia juridica, para a defesa dos interesses geraes da infancia.

- Manutenção de uma revista de divulgação pedagogica, órgão da Sociedade.

— Afóra estes estabelecimentos basicos do seu programma, a **S. B. EDUCADORA PARANAENSE** poderá opportunamente fundar outros, de assistencia infantil, de accordo com os seus progressos financeiros.

Sede social provisoria—Rua 13 de Novembro n. 26 (sobrado)

A República de 9 de agosto de 1913

Nota-se entre os objetivos da sociedade, a educação intelectual, moral e física, dos *nossos jovens patrícios, organizando, progressivamente:*

.....

*Exercícios de educação física da juventude, segundo a inovação norte-americana do **Scout-Boy**.(SIC)*

....

Com joia de 10\$000 e mensalidades de 3\$000, a sociedade prometia prêmios de dotes de 5.000\$000 e sorteios mensais de 100\$000 para financiar a educação dos seus associados.

A EDUCADORA



Nenhuma das preocupações de um chefe de família é mais séria e de resolução mais difícil do que a educação dos filhos. Isso, em primeiro lugar, porque os nossos actuaes estabelecimentos de educação e ensino não estão devidamente aparelhados no sentido das escolas modernamente introduzidas noutros centros

de cultura, das quaes são exemplo mais apontados as da Belgica, Allemanha, Inglaterra, França e Estados Unidos.

Nesses estabelecimentos, que hoje estendem a sua alta influencia moral a todo o mundo culto, a educação simultanea do corpo e do espirito tende a formar o cidadão do futuro com as qualidades physicas, moraes e intellectuaes necessarias do aparelhamento de que é mistér dotal-o para a vida pratica, cada vez mais difícil pelas contingencias dos meios sociaes, de dia para dia mais complexos, mais exigentes e mais attrictados pela concorrência das capacidades.

Em segundo lugar a lucta pela formação de um relativo ensino, utilitário, normal e pratico, nas nossas escolas actuaes, encontra um outro empecilho, para muitos insuperavel, que é o seu encarecimento. E si é verdade que o dispendio que se faz com a educação é francamente retribuido em proporções inapreciaveis, nem por isso são muitos os que pôdem custeal-a, pelas exigencias pecuniarias cada vez maiores conforme o avançamento que se pretenda determinar para o preparo de um joven.

Sómente a formula moderna do cooperativismo é capaz de constituir hoje o milagre de custear a educação do ensino de muitos com

uma contribuição suave para todos, e é o que pretende levar a effecto a **EDUCADORA PARANAENSE**, sociedade que se propõe montar no Estado estabelecimentos do genero dos acima apontados, e que, levados a effecto, isto é, praticadas convenientemente as theorias do seu multiplo e elevado programma, terá conseguido o maximo de beneficios que é possível prestar-se a um nucleo social ancioso de progresso como o nosso.

Nessas condições os primeiros 1.000 socios da **EDUCADORA** terão apenas de pagar a mensalidade de \$5000 e a joia de inscrição de 10\$000, para gozarem de todas as vantagens que os seus estatutos offerrecem a generalidade dos nossos concidadãos.

Séde Social: Rua 15 de Novembro, 26



Em 30 de agosto de 1913 é publicado no jornal “A República” um outro interessante anúncio da Educadora.

Na mesma edição aparece a notícia do lançamento da pedra fundamental da “Universidade do Paraná”, mostrando o interesse da comunidade pela educação, no estado. Na mesma página ainda aparece que o “professor Valões”, de Campo Largo, havia sido aceito como sócio correspondente da sociedade.

Em 26 de fevereiro de 1914, o jornal “A República”, publica uma coluna com o título ***O “scoutismo” no Paraná***, onde informa que, conforme havia publicado no dia anterior, a Sociedade Educadora Paranaense conjuntamente com a instalação do seu primeiro estabelecimento de ensino em Ponta Grossa, lá instituiria uma patrulha de **“boy scouts”**. Em seguida, a coluna, reproduz as informações contidas no folheto de Jeronyma

Mesquita, que circulava pelo país no início daquele ano.

A edição do jornal do dia 25, numa longa coluna, informava que já havia 99 sócios admitidos em Ponta Grossa e que o prefeito municipal havia cedido duas “vastas dependências no Instituto João Cândido”, para a inauguração dos primeiros cursos.

E prossegue o artigo (grifos do autor):

*Além disso pretende a Educadora fundar com os seus próprios alunos **a primeira legião de boys-scouts brasileiros**, pois como é sabido ainda não existe no Brasil nenhuma organização nesse sentido, como as que no velho mundo e na América do Norte e na República Argentina estão com tão excelentes resultados servindo a educação física, moral e cívica da mocidade. **Caberá assim ao Paraná e regionalmente a Ponta Grossa, a honra de lançar, em território brasileiro, a***

primeira semente de uma organização segundo a qual a pedagogia moderna, latamente entendida, pretende refundir o homem do futuro, adaptando-o às leis da natureza, ao serviço integral da Pátria e dotando-o de todas as condições morais, intelectuais e físicas de capacidade para as lutas da vida.

A primeira turma de boys scouts será fundada conjuntamente com os cursos. primário, intermediário e secundário que a Educadora, vai instituir em Ponta Grossa, e por onde, em virtude do franco acolhimento que teve a sociedade, iniciará ela a vasta ação que pretende manter no nosso Estado, em bem da difusão, do progresso e do barateamento do ensino.

Em 13 de junho de 1914, A República, publica que a educadora pretendia fundar

estabelecimentos de ensino em Curitiba, Paranaguá, Antonina, Lapa e Palmeira.

Informa ainda que o estabelecimento de Ponta Grossa teria novo impulso, e que a cidade seria a primeira no país a ter uma patrulha de Boy Scouts.

Entre diversas figuras de importância no estado, a diretoria da Sociedade Educadora, mencionada no jornal “A República”, de 11 de novembro de 1913, incluía um português, o diretor técnico sr. Paulo Alves da Cunha e o diretor secretário o sr. Romário Martins.

Um dos filhos de Romário Martins (jornalista, historiador e político paranaense), Ivahy Martins, estaria entre os primeiros escoteiros de Curitiba, que fizeram seu juramento em 15 de novembro de 1915. Ver Boletim Histórico Zero (novembro de 1919).

Não foram encontradas notícias de que tenha havido a fundação de uma patrulha de “boy

scouts” em Ponta Grossa, apesar dos esforços da Sociedade Educadora Paranaense.

Deve ser mencionado que nessa época não se conhecia o termo escoteiros, no Brasil. Já havia sido adotado pela Associação dos Escoteiros de Portugal, em 1913, conforme relatado no Boletim 60, mas, no Brasil, só seria adotado em agosto de 1914, com as primeiras tratativas para a fundação da Associação Brasileira de Escoteiros – ABE.

Em dezembro de 1914, conforme já mencionado no Boletim 65, estavam em Curitiba, representantes da ABE, com folhetos de propaganda do escotismo.

osas
dea.
to.
ada-
Bu.
em
TE.
ZES
ICA
nma
e te.

Estiveram hoje em nossa redação os srs. tenente Arthur Macedo de Carvalho e Ernani Macedo de Carvalho que nos vieram trazer diversos impressos com ilustrações finíssimas propugnando pelo estabelecimento das sociedades de "boys-scouts" no Brasil.

O sr. Arthur Macedo de Carvalho é representante nesta capital da Associação Brasileira de Escoteiros, e reside á rua Marechal Floriano, 9.

...

Diário da Tarde de 7 de dezembro de 1914

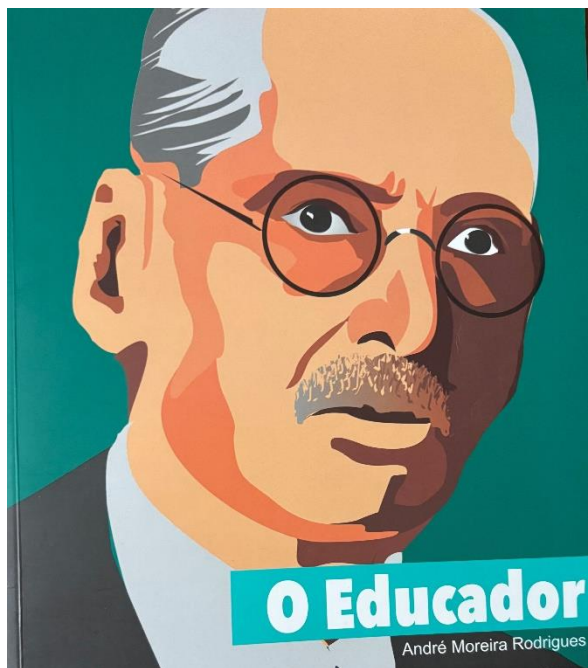
Existem notícias da presença desses representantes em Curitiba e Paranaguá, desde 5 de novembro de 1914. (jornal Diário da Tarde de 5 de novembro de 1914)

HENRIQUE ESTRELLA MOREIRA

Em 1913, outro fato importante para o futuro do escotismo no Paraná aconteceu: Henrique Estrella Moreira viaja para a Bélgica afim de estudar na cidade de Liége. Henrique teria participação fundamental na organização dos primeiros escoteiros de Curitiba.

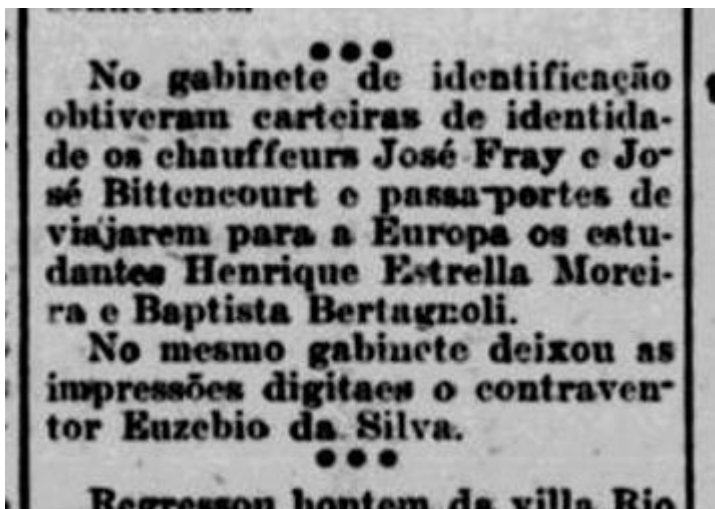
Henrique, filho de Fernando Augusto Moreira e Rita Estrella Moreira, professores, nasceu em Curitiba em 10 de fevereiro de 1898.

Mais detalhes sobre Henrique Estrella Moreira e sua família podem ser encontrados no livro “O Educador”, de André Moreira Rodrigues – Fundação Cultural de Curitiba – 2023.



Capa do livro “O Educador”

O jornal Diário da Tarde, de Curitiba, publica em outubro de 1913, que Henrique Estrella Moreira e Baptista Bertagnoli, obtiveram passaportes para viajarem para a Europa.



Diario da Tarde 22 de outubro de 1913

O problema para Henrique e outros estudantes brasileiros em Liège, é que a 1ª Guerra Mundial começa justamente ali. Em agosto de 1914 a Alemanha invade a Bélgica, com intensos combates justamente na região de Liège.

Henrique e muitos outros brasileiros são repatriados, em outubro de 1914, com ajuda do governo brasileiro.

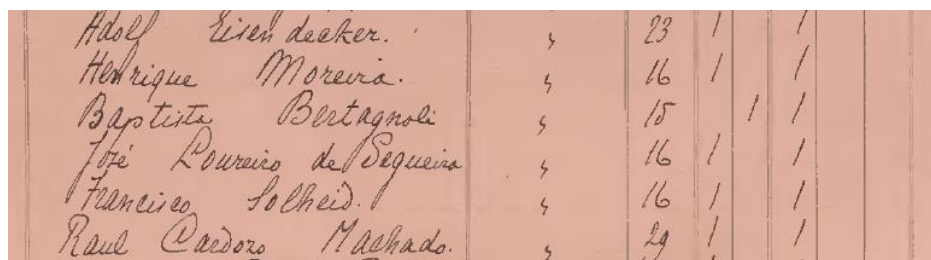
Chegaram pelo navio “Gelria”, ao porto de Santos, em 25 de outubro de 1914, os estudantes curitibanos:

Henrique Moreira

Baptista Bertagnoli

José Loureiro de Siqueira

Francisco Solheid



Adolf Lisch decker.	23	1	1
Henrique Moreira.	16	1	1
Baptista Bertagnoli	15	1	1
José Loureiro de Siqueira	16	1	1
Francisco Solheid.	16	1	1
Raul Cardoso Machado.	29	1	1

Destaque da lista de passageiros do vapor Gelria, chegado a Santos em 25 de outubro de 1914.

Ao passar pelo Rio de Janeiro, no dia 24, foram entrevistados pelo jornal “O Fluminense” (25/10/1914):

Pelo “Gelria” chegaram ontem ao Rio de Janeiro os estudantes brasileiros Henrique Moreira, Baptista Bertagnoli, Carlos Monteiro dos Reis, Francisco Solheid,

*José Loureiro e Luciano Justino
Bordaneve, que cursavam uma das
academias de engenharia de Liége.*

*Esses nossos patrícios assistiram à tomada
da heroica cidade belga e logo no
princípio do ataque levado a efeito pelos
alemães ofereceram-se ao governo belga
para, como “boy-scouts”, prestarem
serviços à Cruz Vermelha – no que foram
satisfeitos pelo Rei Alberto.*

*Seguiram assim, para um campo onde
jaziam vários feridos belgas, aos quais
prestaram socorros. Em certa ocasião,
porém, surgem no campo muitos soldados
prussianos, que ao avistarem o carro da
Cruz Vermelha, não detiveram a fúria
sanguinária, fazendo fogo contra os
próprios feridos e contra os que os
socorriam. As senhoras e senhoritas que*

ali estavam como enfermeiras, tomadas de pânico, mal puderam fugir.

Os nossos patrícios fizeram o mesmo, apavorados! Entretanto, um dos “boy-scouts” brasileiros foi atingido por uma bala alemã nas pernas, recebendo ainda uma pancada pelas costas, vibrada por um prussiano com sua carabina.

A vítima foi o sr. Luciano Justino Bordaneve, que como dissemos acima chegou no transatlântico holandês.

Os nossos patrícios, depois, andaram a pé até Nostrik, fazendo um percurso de 80 quilômetros, para se livrarem dos desalmados súditos do kaiser.

Observação: Não foi encontrada nenhuma cidade com o nome de Nostrik. A cidade mais ao norte de Liège, nos Países Baixos é Maastricht, que na pronúncia holandesa pode

parecer Maastrik. Só que a distância é de aproximadamente 30 km e não 80.

Em 27 de outubro os estudantes chegam a Curitiba, segundo notícia do Diário da Tarde:



Diário da Tarde de 28 de outubro de 1914

A notícia informa que Henrique, Francisco e Baptista, serviram na Cruz Vermelha em Liège.

No dia seguinte, dia 28, Henrique concede uma longa entrevista ao jornal. (publicada no Diário da Tarde de 29 de outubro de 1914). Transcrita no ANEXO 1.

Nessa entrevista ele informa que atuou como boy scout nos “hospitais de sangue”, em Liège.

Em 1914 existiam 4 tropas de escoteiros em Liège, com atuações documentadas.

ANEXO 1

A tomada de Liège

Como se portaram os alemães após a rendição da cidade

INTERVIEW COM UM ESTUDANTE PARANAENSE QUE SERVE NOS HOSPITAES DE SANGUE DE LIÈGE.

Tendo chegado em Coritiba ant-hontem o sr. Henrique Estrella Moreira, estudante paranaense, de 18 annos, que esteve em Liège, e que assistiu o bombardeio e rendição da quella cidade belga, fomos entrevistá-lo hontem pedindo informaes res- peito os factos que se passaram ali e o modo como procederam os al- lemanes depois que se apoderaram da cidade.

O sr. Henrique Moreira nos re- cebeu amavelmente, elle, seu pae e sr. Fernando Moreira, e a sua mãe, exma. sra. d. Estrella Moreira. Di- to o fim de nossa visita o criterio- so moco immediatamente se poz á nossa disposição.

Começamos então nossa entrevista.

R. — Pode o sr. nos dizer o que se passou em Liège antes, durante e depois da rendição da cidade?

I. — Pouca coisa sei, porque es- tive sempre occupado nos hospitaes de sangue dos belgas, onde me promptifiquei a servir, conjuncta- mente com outros collegas que commigo formavam uma sociedade sportiva de "boys-scout". Os al- lemanes, como sabe, haviam intima- do a Belgica a cedêr passagem ás forças prussianas que iam invadir a França, sob pena de ser a passa- gem feita a "manu-militaris". Não tendo o governo belga accedido á solicitação do kaiser, as forças al- lemanes invadiram o territorio da Bel- gica. De Liège se approximaram dando tiro de canhões, desde gran- de distancia, com o fim por certo de intimidar a guarnição da cidade e obterem a rendição sem derrama- mento de sangue. Como a guarni- ção de Liège resistisse, o exercito invasor começou a bombardear a ci- dade ás 4 1/2 horas da manhã de 5 de agosto. As 9 horas, porém, os alimães suspenderam o fogo e in- timaram o burgo-mestre de Liège a fazer-lhes entrega da cidade. Não foi accelta a intimativa e o bom- bardeio recommçou ás 4 horas da tarde, e assim se prolongou por 3 dias, continuando sempre os al- lemanes a enviar parlamentares pro- pondo a rendição. Na manhã de 8 o burgo-mestre recebeu intima-

ção de que a cidade ia ser bombar- deada com obuzes inflammaveis. A isto disse foi proposta e accelta a rendição de Liège. Os fortes aos arredores da cidade, todavia, conti- nuaram a resistir, sendo quasi to- dos desmoriçados pela grossa arti- lleria dos allemães.

O ultimo forte, foi occupado pe- las forças do kaiser 10 dias depois da entrega de Liège. Disse de pro- posto "occupado pelas forças do kaiser", porque effectivamente a maioria das fortalezas não se ren- deu, foi esboreada pelos formida- veis canhões dos prussianos e so- cerrada a guarnição.

R. — Como se portaram os al- lemanes apoz a rendição das for- ças belgas?

I. — Não sei lhe dizer cathego- ricamente si se portaram bem ou mal, no conjuncto dos factos. Po- daria fazer um juizo seguro, si co- nhecesse as leis da guerra, o que não acontece. Conto-lhe inciden- tes isolados: o sr. tirará as dedu- ções. O exercito allemão logo que se apoderou de Liège, affixou edi- ctos nas ruas, prohibindo terminan- temente excessos e violencias por parte dos soldados prussianos, e re- commendando a estes que passa- sem pontualmente as compras que fizessem.

Pedia que a população denun- ciasse os infractores e garantia que estes seriam punidos severamen- te.

R. — Não teve o sr. occasião de tratar com officiaes allemães? Co- mo lhe pareceram elles?

I. — Tratei com diversos, e sem- pre os vi sollicitos e bem educados. Sei que appareceram soldados al- lemanes brutaes, como, aliás, d'essa ordem existem em todos os exer- citos. Os excessos todavia, foram punidos com severidade.

R. — Poderá o sr. exemplifi- car?

I. — Pois não. Entre os solda- dos bavarezes e prussianos havia divergencias, das quaes resultavam ás vezes conflictos. Num desses disturbios foram mortos alguns sol- dados. Os assassinos, para não se- rem punidos, disseram que victi- mára os seus compatriotas, um tiro- teio partido d'uma determinada ca- sa, que indicavam. Os officiaes al- lemanes mandaram fazer disparos e por ultimo ateou fogo na casa indi-

gitada. O burgo-meestre, emtanto, sabendo bem como se tinha dado o incidente, fez queixa junto ao commando das forças allemãs. Foram então autopsados os cadáveres dos soldados mortos e verificado que as balas extrahidas eram allemãs e não belgas. Resultado: os soldados allemães delinquentes foram fuzilados. Conto-lhe tambem um caso bem expressivo. Na casa em que eu morava chegaram um dia dois officiaes, e pediram café. Perguntando depois quanto deviam e lhes sendo dado o preço, os officiaes allemães fizeram vêr que era barato de mais, e pagaram o dobro da quantia pedida.

R. — Como os allemães tratavam os prisioneiros e feridos belgas?

I. — Sempre com a maior solicitude. Não respeitavam aliás a cruz vermelha. Nos hospitales de sangue, vi chegar diversos automoveis, d'esta generosa associação, crivados de balas disparadas pelos prussianos.

R. — Como os allemães se justificam do incendio e destruição de Louvain e d'outras cidades belgas?

I. — Não passei em Louvain quando me retirei de Liège, e só quero lhe fallar de factos meus conhecidos. A cidade de Visé, da mesma provincia e nos arredores de Liège, foi incendiada e destruida pelos allemães, só ficando em pé o hospital. Os allemães allegam que os habitantes de Visé atiraram contra as forças prussianas quando estas passavam com direcção a Liège.

E como estava se fazendo tarde e comprehendessemos que o sr. Henrique Moreira precisava rever Coritiba — a cidade natal que elle vinha revendo apenas com os olhos do espirito, retiramo-nos, agradecendo immenso as gentilezas que nos foram dispensadas.

A tomada de Liége

**Como se portaram os alemães após a
rendição da cidade**

INTERVIEW COM UM ESTUDANTE PARANAENSE QUE SERVIU NOS HOSPITAIS DE SANGUE DE LIÉGE.

Tendo chegado em Curitiba anteontem o sr. Henrique Estrella Moreira, estudante paranaense, de 16 anos, que esteve em Liége, e que assistiu o bombardeio e rendição daquela cidade belga, fomos entrevistá-lo ontem pedindo informes a respeito dos fatos que se passaram ali e o modo como procederam os alemães depois que se apoderarem da cidade.

O sr. Henrique Moreira nos recebeu amavelmente, ele, seu pai sr. Fernando Moreira, e a sua mãe, exma. sra. d. Estrella Moreira. Dito o fim de nossa visita o criterioso moço imediatamente se pôs a nossa disposição.

Começamos então nossa entrevista.

R. - Pode o sr. nos dizer o que se passou em Liége antes, durante e depois da rendição da cidade?

I. -- Pouca coisa sei, porque estive sempre ocupado nos hospitais de sangue dos belgas, onde prontifiquei a servir, conjuntamente com outros que comigo formavam uma sociedade esportiva de "boys-scout". Os alemães, como sabe, haviam intimado a Bélgica a ceder passagem as forças prussianas que iam invadir a França, sob pena de ser a passagem feita a "manu -militaris". Não tendo o governo belga acedido a solicitação do kaiser, as forças alemãs invadiram o território da Bélgica. De Liége se aproximaram dando tiros de canhões, desde grande distância, com o fim por certo de intimidar a guarnição da cidade e obterem a rendição sem derramamento de sangue. Como a guarnição de Liége resistisse, o exército invasor começou a bombardear a cidade as 4 1|2 horas

da manhã de 5 de agosto. Às 9 horas, porém, os alemães suspenderam o fogo e intimaram o burgomestre de Liége a fazer-lhes entrega da cidade. Não foi aceita a intimativa e o bombardeio recomeçou às 4 horas da tarde, e assim se prolongou por 3 dias, continuando sempre os alemães a enviar parlamentares propondo a rendição. Na manhã de 8 o burgomestre recebeu intimação de que a cidade ia ser bombardeada com obuses inflamáveis. A vista disso foi proposta e aceita a rendição de Liege.

Os fortes nos arredores da cidade, todavia, continuaram a resistir, sendo quase todos desmoronados pela grossa artilharia dos alemães. O último forte, foi ocupado pelas forças do kaiser 10 dias depois da entrega de Liége. Disse de proposito "ocupado pelas forças do kaiser", porque a maioria das fortalezas não se rendeu, foi esboroadada pelos formidáveis canhões dos prussianos e soterrada a guarnição.

R. - Como se portaram os alemães após a rendição dos belgas?

I. - Não sei lhe dizer categoricamente si se portaram bem ou mal, no conjunto dos fatos. Poderia fazer um juízo seguro, se conhecesse as leis da guerra, o que não acontece. Conto-lhe incidentes isolados: o sr. tirará as deduções. O exército alemão logo que se apoderou de Liége, afixou editais nas ruas, proibindo terminantemente excessos e violências por parte dos soldados prussianos, e recomendando a estes que pagassem pontualmente as compras que fizessem.

Pedia que a população denunciasse os infratores e garantia que estes seriam punidos severamente.

R. - Não teve o sr. ocasião de tratar com oficiais alemães? Como lhe pareceram eles?

I. - Tratei com diversos, e sempre os vi solícitos e bem-educados. Sei que apareceram soldados

alemães brutais, como, aliás, d'essa ordem existem em todos os exércitos. Os excessos, todavia, foram punidos com severidade.

R. - Poderá o sr. exemplificar?

I. - Pois não. Entre os soldados bávaros e prussianos havia divergências, das quais resultavam as vezes conflitos. Num desses distúrbios foram mortos alguns soldados. Os assassinos, para não serem punidos, disseram que vitimara os seus compatriotas, um tiroteio partido d'uma determinada casa, que indicaram. Os oficiais alemães mandaram fazer disparos e por último atear fogo na casa indicada. O burgomestre, sabendo bem como se tinha dado o incidente, fez queixa junto ao comando das forças alemãs. Foram então autopsiados os cadáveres dos soldados mortos e verificado que as balas extraídas eram alemãs e não belgas. Resultado: os soldados alemães delinquentes foram fuzilados. Conto-lhe também um caso bem expressivo. Na casa em que eu morava

chegaram um dia dois oficiais, e pediram café. Perguntando depois quanto deviam e lhes sendo dado o preço, os oficiais alemães fizeram ver que era barato de mais, e pagaram o dobro da quantia pedida.

R. - Como os alemães tratavam os prisioneiros e feridos belgas?

I. - Sempre com a maior solicitude. Não respeitavam aliás a cruz vermelha. Nos hospitais de sangue, vi chegar diversos automóveis, d'esta generosa associação, crivados de balas disparadas por prussianos.

R. - Como os alemães se justificam do incêndio e destruição de Louvain e d'outras cidades belgas?

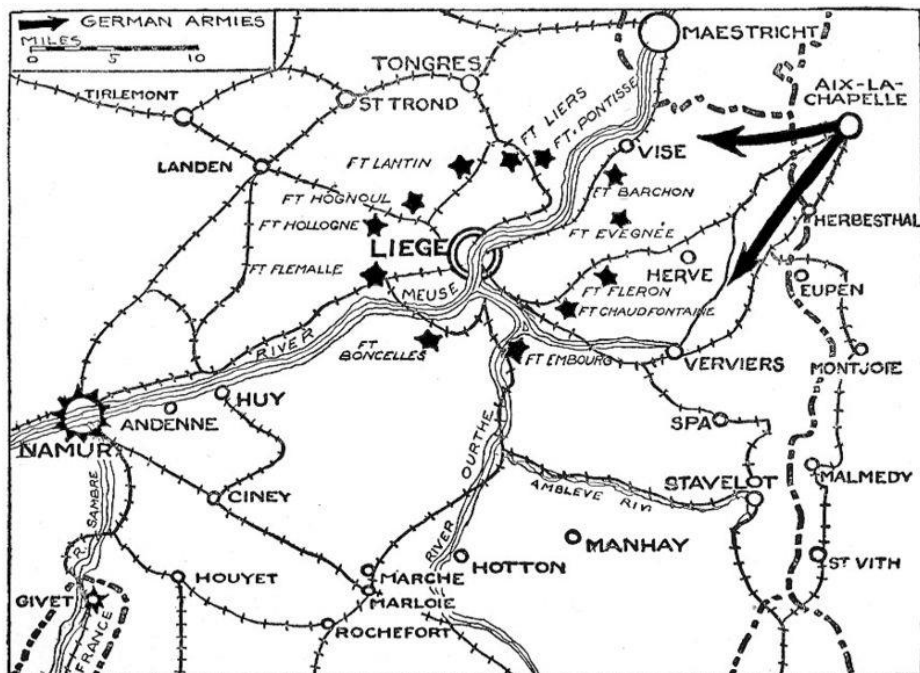
1. - Não passei em Louvain quando me retirei de Liége, e só quero lhe falar de fatos meus conhecidos. A cidade de Visé, da mesma província e aos arredores de Liége foi incendiada e destruída pelos alemães, só

ficando em pé o hospital. Os alemães alegam que os habitantes de Visé atiraram contra as forças prussianas quando estas passavam com direção a Liége.

E como estava se fazendo tarde e compreendêssemos que o sr. Henrique Moreira precisava rever Curitiba - a cidade natal que ele vinha revendo apenas com os olhos do espírito, retiramo-nos, agradecendo imenso as gentilezas que nos foram dispensadas.

Observação: Para ajudar a entender a geografia do teatro de guerra ao redor de Liége, incluindo a localização dos 12 fortes que protegem a cidade é apresentado um esboço da área.

Aparecem também no mapa a cidade de Visé e Maastricht.



Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail historia@escoteirospr.org.br.

Pesquisa e Produção: João Alberto Bordignon

Revisão: Fernando Gerlach

Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco

CEP 80410-230 - Curitiba - PR

(41) 3323-1031

Escoteiros do Brasil - Região do Paraná